

Contribuições da literatura para a escrita da história de além-mar¹

Marilúcia Mendes Ramos
Universidade Federal de Goiás

Nesta comunicação procuraremos refletir, com base em textos da literatura angolana, sobre o auxílio também dessa literatura, com sua expressiva carga de informações do cotidiano e de práticas tradicionais das sociedades africanas dos países de língua portuguesa, para os estudos da *história vista de baixo*, expressão proposta por Edward Thompson².

Os textos produzidos nos países africanos de língua portuguesa nos últimos anos do período colonial, marcadamente nas décadas de 60, 70 e no período imediatamente posterior às independências, contam na ficção, como encaminhado pela *Geração de 50*, episódios da história da colonização portuguesa sob a óptica do colonizado, dando-nos ainda um retrato do quadro social daquele período.

Para iniciarmos nossa reflexão, recorremos a Linda Hutcheon, ao dizer que “*Parece haver um novo desejo de pensar historicamente, e hoje pensar historicamente é pensar crítica e contextualmente*”³.

E quando se trata das literaturas de ex-colônias, nota-se que o contexto em que estão inseridas se aproximam, assim como o posicionamento dos escritores, que assumem uma postura crítica diante da realidade que os envolve como ser social e político, ser que deseja ver e rever a sua história, agora contada por outras vozes, as dos sujeitos dessa história.

E nessa postura crítica tece sua narrativa com elementos de um cotidiano desconhecido pela História Oficial, mas que a compõem dando-lhe sentido, sejam esses elementos de um passado ancestral, vivenciados num tempo mítico, sejam eles mais recentes, de tempos de dominação colonial. E “*reapresentar o passado na ficção e na história é, em ambos os casos, revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo ou teleológico*”, como afirma Hutcheon⁴.

Embora a expressão História de Além-Mar ainda faça lembrar uma fase de dominação colonial, esse campo de atuação da história tem contribuído para os estudos por parte de pesquisadores estrangeiros e autóctones para a revisão da história, pois, conforme as afirmações de Henk Wesseling, a “*história de além-mar trata não só dos sistemas coloniais e do encontro entre europeus e não europeus em geral, mas também da história econômica, social, política e cultural dos povos não europeus*”⁵.

No século XX, mais especificamente após 1945, com o fim da segunda Grande Guerra Mundial, dados externos como a descolonização, o declínio da Europa, a emergência de novos super poderes levaram a um repensar do papel da Europa na história mundial e a um questionamento da abordagem eurocêntrica, levando-se a modificações na maneira de estudar a história.

Ainda segundo esse historiador, no período pós-45 ocorreu a ascensão da história social e econômica e “os historiadores tornaram-se menos interessados na história política e militar e mais interessados em questões como civilização material, vida cotidiana, o homem comum, passando a nova abordagem a contemplar aldeias, cidades, regiões, grupos sociais”⁶.

Os pesquisadores, diante das poucas fontes, viram-se impelidos a desenvolver novas técnicas e métodos para interrogar o passado sob novas óticas, sendo uma delas o estudo da tradição oral, que deveria considerar o impacto da importância social, dos valores culturais e da personalidade dos escritores.

Já no final da década de 60, ao defender o estudo das novas fontes, Edward Thompson aponta:

“Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual ‘obsoleto’, o artesão ‘utopista’ e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não.”

E, apesar da relutância de alguns pesquisadores em aceitar o texto oralizado como legítima fonte documental, historiadores que tentam estudar a experiência das pessoas comuns têm recorrido com frequência à história oral, mas enfrentam nesse estudo problemas ao tratar de pessoas que morreram antes de serem gravadas ou cuja memória foi perdida por seus sucessores, e o tipo de testemunho direto que pode obter é negado aos historiadores dos períodos mais antigos⁷.

Parte desses problemas reside no fato de que os *griotes*, arquivos vivos da África tradicional, estão desaparecendo e com eles boa parte da história de grupos étnicos que vivem ampla diversidade cultural. Acrescentando-se a seu trágico desaparecimento o desinteresse dos jovens em passar pelas escolas inciatícas ou dar prosseguimento a certas tradições, hábitos, costumes ancestrais por julgá-los ultrapassados e sentirem-se mais atraídos pelos chamados das grandes cidades.⁸

Porém, em sendo toda dificuldade superada pelo pesquisador, a história vista de baixo como método de abordagem preenche comprovadamente duas funções importantes, como ressalta Sharpe. A primeira é servir como um corretivo à história da elite, pois grande parte dos estigmas amplamente disseminados até hoje entre nós tiveram origem no poder de quem conta a história. Poder-se-ia lembrar vários casos, mas apenas alguns já ilustram a necessidade de correção da história, como a idéia de que os colonizadores portugueses eram melhores que os outros (com a idéia do lusotropicalismo), ou a disseminação da idéia do negro preguiçoso; ou ainda, como ocorreu no Brasil, e que Gilberto Freyre alude em Casa Grande e Senzala, a disseminação do alerta para o perigo de se comer manga com leite porque faria mal, até mataria...

A segunda função é que, oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão da história, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história⁹.

Defender esse novo tipo de abordagem significa lembrar que outras pessoas, além dos vencedores, viveram os mesmos episódios da história de forma bem diferente, e que hoje essas circunstâncias do passado revelam-se, por exemplo, em discrepâncias sociais gritantes.

A visão de baixo pode reintegrar a história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou propiciar seu conhecimento aos que nem sabiam de sua existência, encargo assumido também pelas literaturas dos países que recentemente conquistaram suas independências, como se discutirá adiante.

Os propósitos da história são variados, sendo um deles o de prover aqueles que a escrevem ou a lêem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem. Em âmbito maior, este sentimento pode tomar a forma do papel da história, embora fazendo parte da cultura nacional, na formação de uma identidade nacional. Vista de baixo, a história pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando que a identidade não foi estruturada só por quem sempre esteve no poder. Assim, ela vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar a história política dita autêntica.

A história vista de baixo está na tessitura da narrativa produzida nas últimas décadas e esse é um dado importante para se compreender como história e literatura têm caminhado juntas nos países de língua portuguesa que conquistaram recentemente suas independências.

Retomamos aqui Linda Hutcheon ao dizer que *“...a ficção e a história são discursos, e ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado” (...)* e que *“o sentido e a forma não estão nos ‘acontecimentos’, mas nos sistemas que transformam esses acontecimentos passados em ‘fatos’ históricos presentes”*¹⁰.

E diante do quadro de escritores de vários desses países como Bhabha Khosa em Moçambique, Luis Cardoso em Timor, Pepetela, Luandino, Mendes de Carvalho em Angola, só para ilustrar nossa linha de reflexão, percebe-se que a literatura tem transformado *“acontecimentos passados em fatos históricos presentes”*, como diz Hutcheon, incrustando-os a suas ficções de modo a recuperá-los sem contudo assumir a tarefa de recontar a história.

Para Hutcheon, a *“metaficção historiográfica distingue entre o fato histórico e a ficção e recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade”*¹¹.

E um caminho que vem sendo percorrido por alguns escritores africanos de países de língua portuguesa nas últimas décadas, a par do valor estético dessa literatura, é justamente a rediscussão da história sob outra óptica, sob a própria ótica e não mais a dos colonizadores.

O movimento histórico e literário “Vamos descobrir Angola”, de 1948, contribuiu para as gerações de escritores pós anos 50, como Mendes de Carvalho, e para falarmos desse movimento, tomaremos como fonte documental a pesquisa desenvolvida pelo Dr. Carlos Henrique Serrano, antropólogo da Universidade de São Paulo, em seu doutoramento, intitulada *Angola: nasce uma Nação – um estudo sobre a construção da Identidade Nacional*¹².

Esse movimento, “Vamos descobrir Angola”, marca o posicionamento político de um grupo de intelectuais frente à política colonial de imposição da cultura europeia como paradigma e, para resistir ao projeto colonial de negação de valores autóctones e ainda sem um programa político definido, a atuação desse grupo de intelectuais desencadeou um movimento especialmente na formação das novas gerações de escritores e é a partir da conscientização que tem início o processo de descolonização.

Assim, a “*retomada da iniciativa*”, conceito proposto por Balandier, como esclarece Serrano, diria respeito a uma transformação da consciência pela sua ação sobre ela mesma no decurso do movimento revolucionário, capaz de produzir efeitos práticos que não são da mesma ordem que o sistema pré-colonial, nem de uma nova ordem arbitrária. É um movimento interno na consciência coletiva, que faz passar de uma ordem antiga a uma ordem de devir. É a revolução da ação do interior das consciências dos ex-colonizados.

Desse modo, o movimento “Vamos descobrir Angola” representa essa retomada da iniciativa, a recuperação da palavra dentro de um discurso angolano autêntico, embora ainda de forma fragmentada, como ressalva o Prof. Serrano.

Então, as propostas do movimento de conscientização vão percorrer as obras dos escritores posteriores a ele, com a recuperação da palavra, num discurso autêntico angolano, na voz deste como sujeito de sua própria história, com suas histórias contadas de geração a geração, com seu modo de se relacionar e entender o mundo... questões essas que permearam as obras dos herdeiros da Geração de 50.

Em “O rumo da literatura negra”, de 1951, Agostinho Neto faz uma reflexão sobre o posicionamento político do escritor negro, enfatizando a importância de um comprometimento desse escritor com sua realidade.

Neto diz considerar

“integrados na literatura negra as obras daqueles autores que de alguma forma refletem a maneira de ser dos povos negros, os seus sentimentos, os seus processos de reação; sendo este reflexo não apenas uma tradução, mas uma verdadeira identificação”, pois, “para que a determinada obra literária se atribua nacionalidade é necessário que ela se baseie na vida dos representantes dessa nacionalidade sem remeter esta palavra à estreiteza do seu sentido político. E para que isso seja possível é necessário que o autor tenha conhecimento da vida dos seus elementos constituintes”.

A Geração de 50 reflete essa preocupação de Agostinho Neto, passando pelos usos e costumes de específicas regiões, modos diferenciados de falar dos vários grupos, enfim, passando pela manutenção das práticas tradicionais que vão identificando o homem angolano dentro da sua diversidade.

Em sua obra, Mendes de Carvalho – escritor sobre cuja obra desenvolvemos nossa tese de doutorado defendida em 1996 – marca as diferenças de cada grupo dentro do plano da enunciação alcançando montar um quadro, pelas diferenças, da identidade do povo angolano.

Há um espaço em sua obra, o das práticas tradicionais, em que recupera a figura do *griot*, depositário da história, trata da questão do respeito que se tem pelos velhos por sua sabedoria e conhecimento acumulado, trata do respeito pela palavra geradora da força vital e responsável pelo equilíbrio das forças, passa pelos discursos cerimoniais, menciona a importância da atribuição do nome por toda a carga de informação sobre o ser que o nome carrega, e ainda da evocação das forças vitais e do prestígio. Enfim, as questões ligadas à tradição perpassam a obra de Mendes de Carvalho.

O escritor revela, por meio das situações vivenciadas pela personagem, uma outra versão do domínio português em África, propiciando a recuperação da memória coletiva angolana, com uma visão do período colonial bem diversa da construída pela História Oficial.

Retornando ao texto de Agostinho Neto, percebemos uma constatação que também é uma preocupação:

“A literatura é um reflexo da vida social dos povos e da estrutura histórica que a suporta”.

Percebe-se na obra de Mendes de Carvalho que esse desejo de reencontrar a sua cultura perdida ou esquecida está manifesto ao recuperá-la pela escrita, permitindo que outros também a conheçam.

Com essa preocupação, reserva um espaço em sua obra para os usos e costumes, em que os jogos e as brincadeiras socializantes são retratados; em seus textos há a incorporação dos ofícios tradicionais, como o do ferreiro; há também a preocupação em trazer para o espaço do texto os quimbandas adivinhos, curandeiros e feiticeiros como personagens para que o leitor conheça suas práticas e função; o escritor vai tratar também de questões ligadas profundamente ao modo de ver o mundo de grupos africanos, mencionando em sua narrativa a questão do duplo e dos comedores de alma; tratará da questão do matrimônio, descrevendo os usos e costumes dos grupos; enfim, permitirá que o leitor conheça um pouco do cotidiano do homem angolano repleto de práticas tradicionais pelas páginas literárias.

Mas não é só do tradicional que Mendes de Carvalho tratará. Como diz Agostinho Neto em seu texto, *“os negros viram-se destituídos do bem mais precioso de um povo: a língua”*. Essa problemática no mundo africano é tão significativa que permeia inúmeros textos

africanos. Quando se toca na questão da língua, tange-se a imposição das escolas formais a uma sociedade embasada na oralidade e o problema da política assimilacionista em África.

Os angolanos tinham consciência da necessidade de aprender a língua do colonizador e de seguir o que ditava o estatuto do colonizado, pois sabiam das “vantagens” oferecidas aos que assimilassem a cultura do colonizador e apagassem da memória até os vestígios das suas crenças e costumes. Muito se perdeu então de referenciais históricos nesses séculos de colonização, mas após a independência a preocupação em recuperar a própria história se acentua e busca-se resgatar por vários meios o que se julgava perdido.

Um dos traços da história de Angola diz respeito à figura do assimilado, o produto de um projeto, de uma política para as colônias. Por intermédio da personagem Mestre Tamoda, Mendes de Carvalho discute de forma cômica a questão da assimilação e por meio das personagens Josefa e Felito, retoma essa temática em tom dramático.

E como lembra Hutcheon, os protagonistas da metaficção historiográfica podem ser tudo, menos *tipos* propriamente ditos: são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional e nela há uma “*pluralidade e reconhecimento da diferença; o ‘tipo’ tem poucas funções, exceto como algo a ser atacado com ironia*”¹³.

Na literatura africana esse tipo, o assimilado, que em personagens como Felito ou um João Vêncio vira até pícaro, embora seja destacado para ser ironizado e conseqüentemente, como tipo a ser rejeitado pelos africanos, tem inúmeras outras funções no processo de reescrita da história pelos seus sujeitos, pois ele é fruto de um projeto político, com todas as suas implicações e ao ser retratado, leva o leitor ao conhecimento e ao reconhecimento de si mesmo.

E o escritor comprometido com sua realidade, com seu papel social, põe em cena essas personagens como produtos dessa política assimilacionista para denunciar as contradições e ambivalências de uma classe social criada pelo sistema opressivo da colonização.

Por meio delas o autor dá a conhecer a situação dos representantes dessa classe social antes destes passarem pelo processo de conscientização conduzido pelo Movimento dos Novos Intelectuais de Angola: a *Geração de 50*.

Nessa altura, o assimilado desejava apenas sobreviver, buscando soluções individuais para as situações conflitantes e todo esforço é limitado a alcançar o que lhe é programaticamente possibilitado, terminando sua luta sem ultrapassar esse limite, sem desejar a libertação para si e para o povo por falta dos conhecimentos aos quais não teve acesso. Sem entender as contradições do sistema colonial, procura apenas sobreviver nele.

Voltamos ao texto de Agostinho Neto, quando menciona que “*o homem negro vai deixando de figurar na literatura como vítima passiva, no intuito de condenar as organizações sociais que lhe entravam o desenvolvimento...*”. Essa preocupação também é tratada na obra de Mendes Carvalho, mais precisamente em *Os sobreviventes da Máquina Colonial depõem...*, em que o autor encrusta no texto ficcional várias denúncias, principalmente do serviço por contrato. Denuncia e conta sob a ótica de velhos colonos, novos colonos e

angolanos as razões e versões da condição colonial, permitindo ao leitor conhecer o pensamento de cada seguimento.

Esse encontro de Literatura e História vem de longe e mesmo Machado de Assis, ainda que não trate da história de modo direto, do período da história pelo qual o Brasil estava passando, isto é, a passagem para a República e a transição para o capitalismo, dá aos leitores um quadro dessa mudança de modo bastante preciso, cotidiano, visto de baixo, pois em romances como *Iaiá Garcia* (personagem má, o Procópio Dias, o capitalista, o futuro, o homem que triplica seu capital em 3 anos), *Dom Casmurro* (fim de uma organização social, de patriarcas, atrasada para a entrada em uma nova) ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (não consegue se casar, ter filhos, assim não deixa herdeiros; a fase anterior termina com ele), esses romances mostram o isolamento e a individualização dos seres na fase de transição. O escritor aponta para uma lenta e relutante mudança no quadro social, com o enfraquecimento do patriarcalismo e em Machado essa idéia de mudança está a ser vivida pelos personagens de modo angustiante, e nas novas relações familiares as pessoas estão isoladas, individualizadas, independentes, vivendo as conseqüências do recém instalado capitalismo.

Como estamos procurando discutir, o historiador vem buscando novos modelos de pesquisa e a literatura, em acréscimo ao que sugeriu Wesseling, pode figurar ao lado de disciplinas como a arqueologia, a lingüística, a antropologia, para dar um quadro do cotidiano pela reconstrução ficcional de certos períodos da história de uma sociedade, de um grupo, de povos, países...

Pelo contato com o colonizador e sua política assimilacionista, ocorrem profundas mudanças nas sociedades embasadas na oralidade, as quais estão presentes na tessitura de poesias, contos e romances, assim como as implicações dessas alterações no cotidiano. Assim, a literatura produzida pela Geração de 50 e seus sucessores traz bem mais que o uso do arquétipo do conto ou do romance europeus... Ela conta mesmo, a história vista de baixo, num processo de revisão do ser angolano e do *outro* e de reflexões sob outra ótica, abrindo caminhos para o repensar-se.

A literatura nos dá o quadro da desagregação familiar gerada pelo serviço de contrato e as relações de poder entre os colonos e destes para com os colonizados. Os heróis angolanos quase anônimos, como o Dr. Menezes de *Os discursos do "Mestre" Tamoda*, são recuperados nessa literatura, numa postura de render homenagem a esses homens que com sua coragem lutaram do modo de que dispunham para auxiliar presos políticos... Para o colonizador, um Dr. Menezes representa um perigo, não um herói, como se dá entre os angolanos.

O Tamoda, personagem criada por Mendes de Carvalho, não é simples criação, é recriação de um tipo que surgiu na região de Ambaca, lugar de comércio, onde surgiu um tipo meio malandro, comerciante, tentando se livrar dos rigores do sistema colonial...

Em *Os sobreviventes*, do entrecruzar dos discursos do narrador, do velho colono, do novo colono e do angolano, democratiza-se a reescrita da história, desconstrói-se o discurso oficial e permite-se ao leitor ir desvelando o discurso da História vista de cima pelo

recontar da história agora vista de baixo, ao juntar as várias versões e diferentes pontos de vista.

E é lá na história vista de baixo que se vai tomando conhecimento da construção dos discursos que justificam a dominação e dos estigmas criados e difundidos e pode-se proceder à desconstrução dos discursos e revisão da história.

A aproximação de história e literatura para os ex-colonizados faz-se necessária, pois, como mostrou o movimento literário “Vamos descobrir Angola”, a personalidade do ser angolano está na memória coletiva, e em sua memória há muito de sua filosofia, de sua organização social, de sua história... dados desprezados pela história oficial vista da proa. O leitor desses textos literários, seja ele africano ou não, por intermédio dessa memória que se quer preservar, toma conhecimento de um cotidiano repleto de práticas tradicionais, de lutas, de organização social, das conseqüências de algumas políticas para as colônias... Ligam-se assim as duas disciplinas e o leitor pode preencher as lacunas da história oficial com a ficção, assim como pode, com base na história vista de cima, preencher as lacunas da memória coletiva dos povos cuja memória coletiva está se perdendo.

Retomando Hutcheon para finalizarmos, “*Atuar paradoxalmente (inserir e depois subverter) pode ser menos satisfatório do que apresentar uma dialética resolvida, mas pode ser a única reação não totalizante possível.*”¹⁴.

Notas Bibliográficas:

¹ Comunicação apresentada oralmente no VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais “As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e Debates”. Porto, 5-9/9/2000.

² em “The History from Below”, The Times Literary Supplement, 1966.

³ HUTCHEON, LINDA. *Poética do Pós Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 121.

⁴ Idem, p. 147.

⁵ “História de Além Mar”. BURKE, PETER, (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, p. 98.

⁶ Idem 5, p. 102-3.

⁷ SHARPE, JIM. “A história vista de baixo”. BURKE, PETER (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992, p. 49 (Biblioteca Básica).

⁸ RAMOS, MARILÚCIA M. *Entre dois contares: o espaço da tradição na escrita de Uanhenga Xitu*. Tese de doutorado defendida em dezembro/96 pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Cap. I.

⁹ Idem 7, p. 54.

¹⁰ Op. cit. p. 122.

¹¹ Op. Cit. p. 127.

¹² Tese de doutoramento em Antropologia Social. FFLCH-USP, 1988. Ver especialmente o capítulo V: “O discurso autônomo angolano: a recuperação da Palavra” e Anexos.

¹³ Opus cit. Ver tópico 7, Parte II.

¹⁴ Op. cit. p. 136.